

Carne Suína

Kamilla Ribas Soares

Zootecnista. Doutora em Zootecnia
kamillars@bnb.gov.br

Luciano Feijão Ximenes

Zootecnista. Doutor em Zootecnia
lucianoximenes@bnb.gov.br

Resumo: O volume de carne suína exportado pelo Nordeste aumentou significativamente em relação ao mesmo período de 2022, altas de 34,74% (US\$) e de 23,83% (Kg). A Região faturou no acumulado de janeiro a março de 2023, cerca de US\$ 209,7 mil com exportações de 40,07 mil t de carne suína. No cenário nacional, os elevados custos de produção, os respingos pós-pandemia e do conflito Rússia vs Ucrânia, da lenta recuperação econômica com juros e inflação ainda elevados, outros efeitos geopolíticos externos, impactam na rentabilidade dos sistemas de produção de suínos, atividades altamente dependentes de grãos. No Nordeste, destaca-se a maior liquidez das carnes de frango e suína frente ao elevado preço da carne bovina. Ainda assim, no 4T2022, houve a redução de -4,05% (de 169,63 para 162,76 milhões de cabeças) no abate regional de suínos. A possibilidade de redução nos custos de produção pela maior oferta de milho e soja e a estratégia de reduzir o abate de animais para ajuste da oferta/demanda tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno. Apesar do lento reaquecimento econômico há ainda grande pressão sobre o poder de compra de uma grande parcela da população, que deve continuar incrementando a demanda por carnes alternativas à bovina e, especialmente, fontes proteicas mais baratas.

Palavras-chave: Suínos; Produção; Carne; Guerra; Nordeste.

1 Overview do Mercado Global

A lenta recuperação econômica pós-pandemia, os impactos do conflito Rússia vs Ucrânia, os processos inflacionários e alta de juros nos Estados Unidos e na União Europeia e o fim da política zero da Covid na China, são alguns fatores que influenciam a demanda global, aumentando as incertezas e volatilidade do setor de proteína. No Brasil, os altos juros limitam o acesso ao crédito dos produtores, dirimindo os investimentos. Neste cenário, embora a carne suína seja menos impactada quando comparada as carnes bovina e de frango, ainda haverá, para 2023, forte pressão sobre o consumo. O geren-

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biagio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Lara Catarina de Aragão F. dos Reis, Mariana Carvalho e Lima, (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

ciamento da inflação continuará sendo importante nas principais economias, com ajustes nas taxas de juros que inspire confiança nos mercados, seja para investidores, empresas ou para o próprio mercado consumidor. São as condições macroeconômicas que podem afetar a confiança do investimento, o emprego e as respostas do consumidor. Entre as principais questões globais para 2023 está no risco de limitação no comércio global, que provavelmente aumentará modestamente nesse 1T2023, devido principalmente à baixa produção obtida no ano passado, nas principais regiões exportadoras, como a UE e EUA, e que podem dificultar o crescimento da atividade em 2023. Como exemplo, de acordo com dados do ComexStat (MDIC, 2023), na comparação entre o 1T2022 com o 1T2023, a Rússia reduziu as importações da carne suína do Brasil em -88,25% (US\$) e -90,07% (volume), ou seja, de US\$ 17,07 (3,47% do total) para 2,01 milhões (0,31% do total) e de 7,32 para mil toneladas para 727,24 toneladas. As importações no 1T2022, atingiram 7,3 mil toneladas e US\$ 17,06 milhões.

Já baseado em dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2023)¹, as exportações globais de carne suína em 2023 foram estimadas em 10,58 milhões de toneladas. A previsão da demanda em importações globais de carne suína deve chegar em 2023 a 9,88 milhões de toneladas, valores semelhantes aos de 2022 (9,89 milhões de toneladas) e -14,90% em relação a 2021 (11,61 milhões de toneladas) (**Tabela 1**). A produção global de carne suína para 2023 está prevista em 114,3 milhões de toneladas e espera-se que as importações de carne suína pela China, superem os níveis de 2022, com a demanda mais forte do consumidor. Em 2020 e 2021, as importações de carne suína pela China atingiram níveis historicamente altos, devido a retração na produção causada pela PSA. Já em 2022, houve uma resposta positiva na produção da China com recuperação dos rebanhos, de forma que as importações caíram 50,8%, em torno de 2,13 milhões de toneladas. Todavia, a China, apesar de ser a maior produtora e consumidora mundial de carne suína, tem previsões de produção para 2023 ainda abaixo da demanda de consumo, uma vez que o setor ainda busca se ajustar às rápidas mudanças nas condições do mercado e por isso continuará pressionando os países americanos produtores, como os Estados Unidos e o Brasil, livres da ocorrência de Peste Suína Africana (PSA). Espera-se que a partir do segundo semestre de 2023, com a maior recuperação/crescimento da produção local no Sudeste Asiático e na China, ocorra uma redução na demanda por importações.

Na análise global para este ano, a oferta mais restrita nos países exportadores (EUA, Canadá e UE) provavelmente limitará o comércio global de carne suína no 1S2023. Porém, a tendência é que o rebanho dos EUA volte a crescer a partir do 2S2023, o que fortalecerá as exportações, deixando a carne suína mais competitiva nos principais mercados. México e Canadá seguirão com crescimento desacelerado. A Europa começa o ano com baixa produção, que sustentará os preços no curto prazo pela oferta restrita e altos custos de insumos, mas a situação pode se alterar dependendo da evolução da demanda. Na China, a queda de preços impulsionada pelo excesso de oferta de curto prazo e demanda fraca devido aos altos números de infecções por Covid impactam na atividade. Espera-se que a demanda se recupere no final do 1T2023. No Japão, o consumo de carne suína deverá se manter estável. A capacidade de armazenamento, devido aos altos estoques acumulados em 2022, não permitirá aumento de importação. No Sudeste Asiático, espera-se forte crescimento da produção, apesar dos impactos da PSA e altos custos de insumos em 2022, o que significa menores importações para preencher a lacuna de oferta.

Neste momento, a suinocultura brasileira ainda atravessa grandes desafios, pois os efeitos pós-pandemia ainda trazem complexidade aos mercados doméstico e global, além dos impactos ocasionados pela guerra Rússia x Ucrânia. Estes acontecimentos determinam um ambiente propício à volatilidade dos mercados e especulações. Fato é que os países estão realinhando suas economias. O Brasil, pela sua tradição na suinocultura industrial, deve permanecer com uma fatia de mercado, considerando que toda a produção de carne suína do Brasil (4,43 milhões de toneladas), representa pouco menos de 10% do consumo total da China (55,50 milhões de toneladas), principal destino das exportações da carne suína brasileira. O País, que registrou recordes nas exportações em 2022, deverá aumentar sua produção e as exportações para este ano (**Tabela 1**).

¹ USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. PDS Online: Livestock and Poultry: World Markets and Trade. 12 de janeiro de 2023. Disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: 10 abril. 2023.

Tabela 1 – Desempenho global e dos principais players do segmento de carne suína (milhões de toneladas)

Indicador/ Unidade Geográfica	2020	2021	2022	2023
Produção	95,76	107,94	114,58	114,33
China	36,34	47,50	55,41	55,50
União Europeia	23,22	23,62	22,46	21,75
Estados Unidos	12,85	12,56	12,25	12,42
Brasil	4,13	4,37	4,35	4,43
Rússia	3,61	3,70	3,83	3,94
Vietnam	2,47	2,93	3,10	3,29
Canadá	2,12	2,10	2,09	2,00
México	1,45	1,48	1,53	1,57
Coreia do Sul	1,40	1,41	1,42	1,38
Japão	1,31	1,32	1,29	1,30
Selecionados	88,88	100,98	107,73	107,57
Outros	6,88	6,96	6,85	6,76
Consumo doméstico	95,03	107,37	113,40	113,66
China	41,52	51,72	57,43	57,58
União Europeia	18,20	18,72	18,40	18,13
Estados Unidos	10,03	9,92	9,96	10,00
Rússia	3,47	3,56	3,66	3,75
Vietnam	2,69	3,22	3,30	3,45
Brasil	2,95	3,05	3,03	3,04
Japão	2,73	2,76	2,77	2,79
México	2,05	2,32	2,54	2,59
Coreia do Sul	1,98	2,00	2,07	2,10
Reino Unido	1,43	1,51	1,56	1,49
Selecionados	87,05	98,77	104,73	104,89
Outros	7,99	8,61	8,67	8,77

Indicador/ Unidade Geográfica	2020	2021	2022	2023
Exportação	12,56	12,22	10,95	10,58
União Europeia	5,18	4,99	4,18	3,75
Estados Unidos	3,30	3,19	2,88	2,89
Brasil	1,18	1,32	1,32	1,39
Canadá	1,55	1,48	1,41	1,36
México	0,34	0,32	0,28	0,26
Reino Unido	0,35	0,26	0,26	0,26
Chile	0,30	0,27	0,23	0,24
Rússia	0,16	0,16	0,19	0,20
China	0,10	0,10	0,10	0,13
Austrália	0,03	0,04	0,04	0,04
Selecionados	12,48	12,13	10,89	10,51
Outros	0,09	0,09	0,07	0,07
Importação	11,70	11,61	9,89	9,88
China	5,28	4,33	2,13	2,20
Japão	1,41	1,42	1,52	1,47
México	0,95	1,16	1,30	1,28
Reino Unido	0,79	0,73	0,78	0,86
Coreia do Sul	0,55	0,57	0,71	0,73
Filipinas	0,17	0,46	0,56	0,53
Estados Unidos	0,41	0,54	0,61	0,48
Hong Kong	0,38	0,36	0,25	0,30
Austrália	0,20	0,21	0,24	0,25
Canadá	0,27	0,26	0,23	0,25
Selecionados	10,41	10,03	8,33	8,33
Outros	1,29	1,58	1,56	1,55

Fonte: USDA (2023). Adaptado pelos autores.

2 Conjuntura Nacional e Regional

2.1 Exportações

As exportações brasileiras de carne suína totalizaram no período no 1T2023 (270,7 mil toneladas e US\$ 640,9 milhões), embarques superiores aos registrados no 1T2022 (232,6 mil toneladas e US\$ 491,5 milhões), variações de +30,39 (US\$) e 16,4% (volume). Vale mencionar que as exportações brasileiras de carne suína encerraram 2022 com 1,09 milhão de toneladas. Desde 2021, os resultados vêm se superando ano a ano, considerando a série histórica desde 1997. Destaca-se o avanço nos embarques brasileiros para China neste 1T2023, +52,05% (US\$) e +25,69% (Kg) em torno de 109,6 mil toneladas. Da mesma forma, os embarques para Hong Kong também cresceram, +33,16% (US\$) e +17,68% (kg), em torno de 28,3 mil toneladas.

As exportações brasileiras de carne suína, no 1T2023, registraram o melhor desempenho da história para o período. Segundo dados da Secretária de Comércio Exterior (Secex), foram escoadas 271 mil toneladas da carne, 6,5% abaixo do registrado no 4T2022, e 16,4% acima do observado nos 1T2022. Em março/2023, especificamente, foram embarcadas 105,5 mil toneladas de carne suína, significativo avanço mensal de 35,9% e 17,8% superior ao verificado em março/2022. Este volume favoreceu o resultado histórico do 1T2023, cuja receita acumulada também atingiu a melhor marca da história para este período, totalizando US\$ 640,9 milhões, 11,3% inferior ao arrecadado no 4T2022, e 30,4% supe-

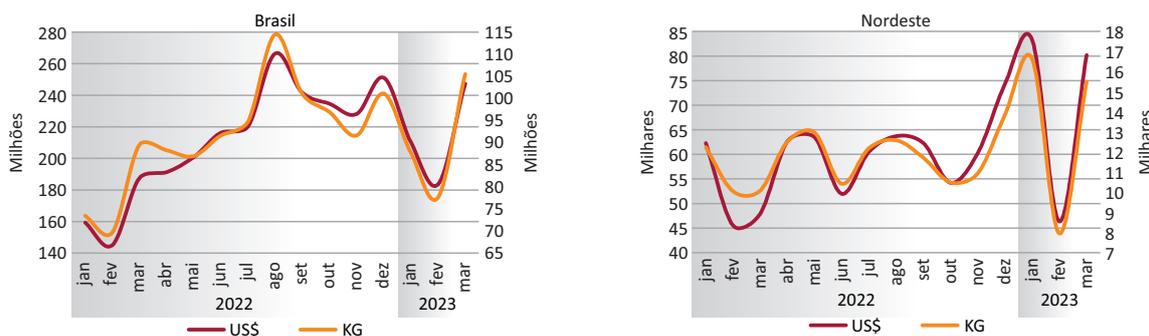
rior ao montante do 4T2021. Ainda em março/2023, a receita subiu expressivos 34,7% em relação a fevereiro/2023, equivalente de US\$ 247,2 milhões. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), os custos de produção em patamares elevados no mundo e os impactos de questões sanitárias em vários países produtores de carne suína têm impulsionado a demanda externa pela proteína nacional. As nações asiáticas seguem protagonistas entre os destinos das exportações brasileiras de carne suína. A China segue na liderança dentre os principais parceiros comerciais do Brasil. De fevereiro para março, China e Hong Kong aumentaram as compras em 16% e 69%, respectivamente, enquanto as Filipinas dobraram as aquisições no período, com envios de 36,4 mil toneladas, 13,3 mil toneladas e 9,4 mil toneladas, na mesma ordem. Além disso, as perspectivas para as exportações de carne suína são otimistas: para este ano, a China deve aumentar suas importações do Brasil, espera-se aumento de demanda das exportações brasileiras voltadas também para outros mercados. Canadá e México autorizaram novas plantas brasileiras de exportação. O México ampliou a abertura do mercado para a carne suína brasileira. A partir de agora, o Brasil poderá exportar o produto *in natura*, sem necessidade de passar por processamento térmico antes de ser vendido aos consumidores. A comercialização passa a ser para a carne suína crua, inteira ou em pedaços, incluindo CMS (Carne Mecanicamente Separada) e toucinho, não havendo restrição no seu comércio direto, podendo ser feita por qualquer rede de supermercados, trading ou importador direto. A Coréia do Sul e Vietnã reduziram suas tarifas de importação e há uma demanda crescente de novos mercados, como a Tailândia. Para a União Europeia, que já foi um importante comprador da carne suína brasileira e as negociações para abertura de mercado estão em curso, seria uma grande oportunidade para os exportadores brasileiros de carne suína, mas ainda segue em baixa.

Tabela 2 – Desempenho das exportações brasileiras de carne suína, no acumulado janeiro a março de 2022 a 2023

Países	2022		2023		Var (%)	
	US\$	kg	US\$	kg	US\$	Kg
China	184.143.865	87.200.528	279.994.363	109.603.323	52,05	25,69
Hong Kong	46.994.298	24.068.180	62.581.127	28.324.556	33,17	17,68
Filipinas	33.588.333	16.498.367	39.381.854	17.622.722	17,25	6,81
Argentina	30.282.090	13.196.689	14.627.611	5.472.428	-51,70	-58,53
Singapura	29.537.913	12.645.178	40.987.656	15.908.057	38,76	25,80
Uruguai	22.289.327	10.883.208	24.132.475	10.627.977	8,27	-2,35
Chile	21.187.261	10.862.006	48.951.360	21.372.930	131,04	96,77
Japão	20.509.955	5.266.338	23.976.766	7.209.473	16,90	36,90
Rússia	17.065.935	7.324.931	2.005.682	727.244	-88,25	-90,07
Vietnã	14.534.660	6.941.062	12.285.521	4.900.286	-15,47	-29,40
Selecionados	420.133.637	194.886.487	548.924.415	221.768.996	30,65	13,79
Outros	71.438.244	37.721.781	92.042.991	48.975.895	28,84	29,83
Total geral	491.571.881	232.608.268	640.967.406	270.744.891	30,39	16,40

Fonte: Secex/ ComexStat (2023). Adaptado pelos autores.

Figura 1 – Desempenho mensal das exportações de carne suína pelo Brasil e pelo Nordeste brasileiro



Fonte: Secex/ComexStat (2023). Adaptado pelos autores.

Em 2022, no acumulado do 1T2023, foram embarcadas no Nordeste, cerca de 40,07 toneladas e faturamento de US\$ 209,77 mil para 40 países, acréscimo de 23,83% (Kg) e 34,74% (US\$) em relação ao 1T2022, em que o Nordeste exportou 32,25 toneladas no valor de US\$ 155,68 mil (**Figura 1**). Apesar da expectativa de crescimento dos volumes exportados para 2023, motivada pelo aquecimento rápido das principais economias mundiais, como a China, os Estados Unidos e Japão, com a Guerra entre Rússia e Ucrânia, o cenário global é incerto. Os impactos econômicos diretos das relações comerciais do Nordeste com a Rússia, considerando o 1T2023, foram mais controlados, uma vez que os embarques foram pouco representativos, apenas 0,49% dos embarques totais. Em relação ao destino, há colônias que se emanciparam, mas continuam dependentes de importação de proteína devido às limitadas condições de seus territórios, como as Ilhas Marshall e Singapura, insulares, mas com economias bastante distintas. Enquanto as Ilhas Marshall têm poucas opções econômicas, Singapura é um dos países do grupo dos Tigres Asiáticos, juntamente com Hong Kong e Taiwan (Regiões Administrativas da China), com grande perspectiva de mercado. O Panamá, um dos principais destinos das exportações de carne suína do Nordeste, tem como principal economia o setor de serviços associado ao Complexo do Canal do Panamá (**Tabela 3**).

Tabela 3 – Desempenho das exportações nordestinas de carne suína, no acumulado janeiro a março de 2022 a 2023

Países	2022		2023		Var (%)	
	US\$	kg	US\$	kg	US\$	kg
Ilhas Marshall	40.521	8.457	40.302	7.715	-0,54	-8,77
Libéria	14.556	3.030	37.827	7.125	159,87	135,15
Panamá	24.042	5.493	30.524	6.001	26,96	9,25
Singapura	8.197	1.487	14.698	2.422	79,31	62,88
Hong Kong	4.738	1.100	13.356	2.388	181,89	117,09
Noruega	1.971	308	11.466	2.095	481,74	580,19
Grécia	10.007	2.641	8.626	2.114	-13,80	-19,95
Malta	6.201	1.022	8.227	1.337	32,67	30,82
Reino Unido	3.596	706	7.307	1.478	103,20	109,35
Bahamas	6.838	1.502	4.832	1.055	-29,34	-29,76
Selecionados	120.667	25.746	177.165	33.730	46,82	31,01
Outros	35.022	6.613	32.612	6.340	-6,88	-4,13
Total geral	155.689	32.359	209.777	40.070	34,74	23,83

Fonte: Secex. Adaptado do ComexStat (2023).

2.2 Abate

A suinocultura segue com crescimento de preços e de volume de vendas no mercado doméstico e contando ainda com forte demanda externa, que deverá crescer ainda mais com a perspectiva de compras adicionais da China. Segundo o IBGE (2022), o abate de suínos no Brasil atingiu 13,89 milhões de cabeças no 4T2022, com alta de +3,4% ante o 4T2021, porém redução de -3,3% frente ao 1T2020. Foi o melhor 4º trimestre da série histórica, desde 1997. No 4T2021, o País teve recuo em relação ao 3T2021, com -2,66% na quantidade de animais abatidos (13,38 milhões de suínos) e -4,25% na produção (1,22 milhão de toneladas), com crescimento ininterrupto desde 2005. O abate de suínos teve alta em 16 das 26 Unidades da Federação.

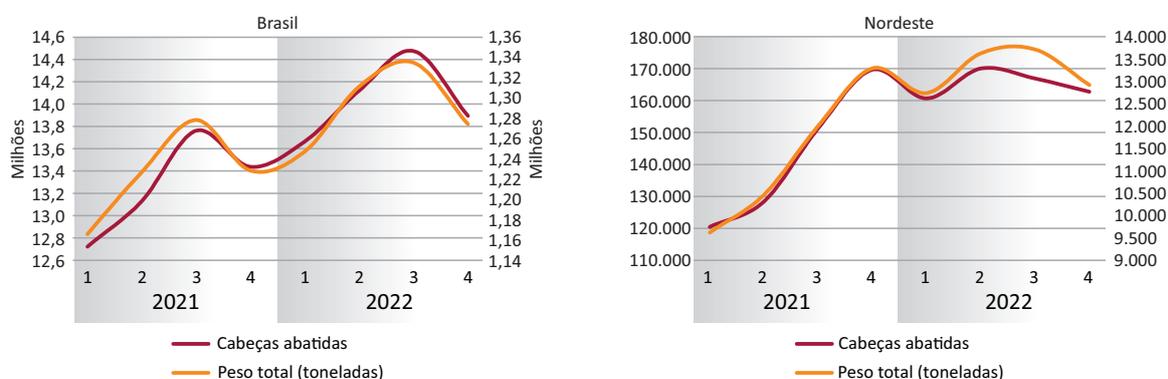
Todavia, o panorama interno para a suinocultura continua desafiador, com altos custos de produção e oferta abundante, o que tem afetado o retorno da atividade para os produtores. Dados divulgados pelo IBGE (2023) demonstraram que, no 3T2022, o abate de suínos foi recorde no Brasil (14,47 milhões de cabeças). Os criadores aumentaram os abates para cortar gastos e ajustar a produção aos custos, como forma de estratégia. E por isso, de acordo com o CEPEA (2023), a demanda enfraquecida e a oferta elevada pressionaram os preços do suíno vivo e da carne suína em março. Ainda assim, apesar da retração mensal, os valores do animal e da proteína ficaram acima dos registrados em março de 2022. Com isso, ao final de 2022, no mercado da carne, diante dessa demanda enfraquecida pela carne suína, agentes do setor varejista adotaram a estratégia de redução de preços, com o intuito de elevar a liquidez – pois muitos pretendiam escoar parte dos estoques. Diante desse cenário, a competitividade da carne suína aumentou frente às principais substitutas, uma vez que os valores do frango avançaram e a carcaça bovina apresentou leve baixa.

As relações comerciais externas e a melhor liquidez da carne suína, mais barata para maior parcela da população, têm aquecido a produção doméstica. Na série trimestral, o pico histórico foi no 3T2022, tanto na quantidade de animais (14,47 milhões), como na produção de carne (1,33 milhão de toneladas).

Em 2023, entretanto, com a redução no abate observada no 4T2022, segundo colaboradores consultados pelo Cepea, e oferta restrita no mercado interno – que vem sustentando os valores dos animais e da carne em patamares elevados – está atrelada à menor produção de suínos, ocasionada pelos altos patamares dos preços dos principais insumos consumidos na suinocultura (milho e farelo de soja). Esse cenário levou ao abandono da atividade e/ou redução de plantéis por parte de alguns suinocultores que atuam no mercado independente.

No caso do Nordeste, houve queda de -2,5% no abate de suínos no 4T2022 em relação ao 3T2022 (166,9 para 162,7 mil cabeças), com recuo na produção de carne de -5,8% (13,71 mil para 12,92 mil toneladas). Ainda assim, o peso ao abate dos animais do Nordeste (5,29 @) obteve menor peso médio que a média nacional (6,11@). Por outro lado, a preferência do consumidor pela carne suína tem crescido na Região, principalmente pela carne resfriada, enquanto os cortes congelados são uma opção secundária, comumente de origem do Centro-Sul do País (**Figura 2**).

Figura 2 – Desempenho trimestral do abate e da produção de carne no Brasil e no Nordeste



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2023)2.

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

Complementa-se que no Nordeste a evolução da suinocultura industrial, a desmistificação de informações equivocadas sobre a carne suína e a preferência no paladar dos cortes suínos para diferentes pratos, sejam para o dia a dia, nas boutiques de carne ou mesmo nos bares e restaurantes, evidentemente, além do menor preço, são fatores que estão impulsionando a produção local. Em alguns estados da Região, como Maranhão, Piauí e Bahia, a produção mais que triplicou apenas nos três últimos anos, estando fortemente atrelada a facilidade de acesso a forte produção de grãos (MATOPIBA). A própria demanda aquecida, foi responsável pelo aumento significativo da produção, em estado onde a geografia da produção não é tão favorável em relação às áreas de produção de milho e de soja, como o Ceará, segundo maior produtor, mas que possui fácil acesso ao MATOPIBA. Os estados mais produtivos seriam Bahia, seguidos de Ceará e Pernambuco, tanto em número de suínos abatidos como no peso das carcaças. Neste aspecto, no 4T2022 a Bahia abateu 66,3 mil cabeças, com peso de 5,89 mil t. No geral, os suinocultores nordestinos têm mostrado não apenas resiliência diante das adversidades, mas aumentaram a capacidade produtiva para atender os mercados, também complexos, tanto o global como o doméstico (**Tabela 4**). Importante ressaltar, que o porto de Itaqui, no Maranhão, já opera no embarque de carnes, e tem se destacado na logística de escoamento das commodities agrícolas não apenas do Nordeste, mas de outras regiões do País (XIMENES, 2021)3.

2 IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais - 4º trimestre 2022. <https://sidra.ibge.gov.br/home/abate/brasil>. Acesso em: 10 ABRIL. 2023.

3 XIMENES, L. F. Carne Suína. Caderno Setorial ETENE. Fortaleza: Banco do Nordeste, ano 6, n. 171, 2021. 12p. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/828/1/2021_CDS_171.pdf Acesso em 7 abril de 2022.

Tabela 4 – Desempenho trimestral do abate de suínos no Nordeste, animais abatidos (cabeças) e peso total das carcaças (kg) de 2021 a 2022

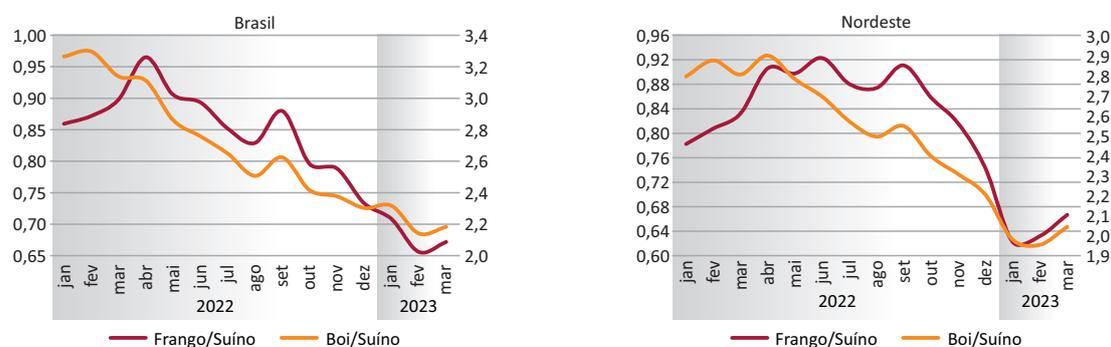
Variável/UF	2021				2022			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Suínos abatidos	120.423	128.325	151.268	169.639	160.658	170.033	166.902	162.761
BA	43.286	48.422	63.910	72.273	71.937	78.926	75.878	66.300
CE	44.513	45.618	48.805	54.967	47.901	46.293	46.626	42.606
PE	14.299	14.909	18.583	19.259	17.713	17.394	18.713	19.785
MA	5.420	5.670	8.923	10.337	11.534	10.257	8.364	12.718
PI	6.861	7.298	7.235	8.179	7.439	7.568	7.182	10.818
AL	2.798	3.213	0	0	0	4.716	5.212	5.686
RN	3.246	3.195	3.812	4.624	4.134	4.879	4.927	3.824
Peso total	9.620.291	10.458.720	12.001.255	13.291.619	12.738.147	13.628.760	13.715.533	12.921.761
BA	3.995.104	4.636.151	5.677.747	6.263.219	6.257.980	6.946.883	7.034.396	5.892.963
CE	3.713.804	3.622.001	3.844.897	4.285.511	3.826.189	3.691.806	3.721.490	3.377.887
PE	873.437	921.684	1.155.991	1.179.771	1.082.731	1.057.103	1.162.939	1.234.355
MA	430.361	497.756	761.777	914.425	979.570	874.037	739.865	1.180.693
AL	123.141	278.889	0	0	0	368.281	416.887	462.945
PI	261.257	277.881	287.577	319.267	292.704	354.421	289.637	434.753
RN	223.187	224.358	273.266	329.426	298.973	336.229	350.319	269.388

Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2023).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

No mercado doméstico, a queda da atividade econômica, a elevada taxa de desocupação, a pressão inflacionária sobre os insumos e a renda, associada com a perda do poder aquisitivo, determinaram oscilações na demanda por carne suína. Apesar disso, desde janeiro de 2020, a carne suína tem ganhado competitividade em relação à carne bovina. No caso da proteína bovina, o baixo poder de compra da população brasileira tem limitado avanços mais intensos nos preços. De acordo a avaliação do CEPEA (2023), os preços médios das carnes suína, bovina e de frango subiram de janeiro para fevereiro deste ano. Entretanto, o movimento de valorização registrado para a proteína suinícola foi mais acentuado que o observado para as carnes concorrentes. Diante desse contexto, a proteína suinícola perdeu competitividade frente às demais em fevereiro. Já no mês de março, os preços da carne suína registraram quedas no mercado atacadista, enquanto os valores do frango avançaram, e os da carcaça bovina apresentaram leve baixa, melhorando a competitividade da proteína suinícola frente às principais substitutas. (Figura 3).

Figura 3 – Liquidez relativa entre as carnes suína, bovina e de frango no Brasil e no Nordeste. Série mensal de janeiro de 2022 a março de 2023 (preços nominais pagos ao produtor, R\$/Kg)



Fonte: Adaptado de Conab (2023)4.

4 Conab - Companhia Nacional de Abastecimento. Preços médios mensais. Disponível em: <http://sisdep.conab.gov.br/precosiagroweb/>. Acesso em: 18 abril. 2023.

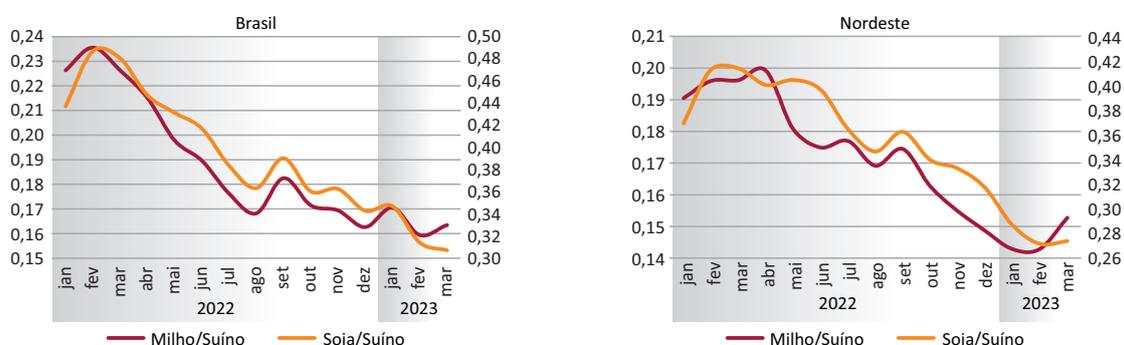
A suinocultura brasileira experimentou altas taxas de inflação em 2022 relacionadas aos custos de produção, especialmente custos com eletricidade, transporte, ração, transporte de animais e outros custos operacionais. Em 2022, de acordo com dados da Conab (2023), o preço do milho oscilou entre R\$ 84 e R\$ 100 (US\$ 16 a 19) a saca de 60 kg; os preços da soja permaneceram relativamente estável entre R\$ 180 e R\$ 195 (US\$ 34,6 e 37,5) a saca de 60 kg, refletindo nos custos globais de produção. Segundo o índice de custos da produção de suínos calculado pela Embrapa, chamado ICPSuínos, houve aumento de 15% nos custos de produção de suínos em 2022, enquanto os custos de ração aumentaram 13%, sendo que as despesas com nutrição representam 80% dos custos totais de produção.

As particularidades destas atividades é a dependência de grãos (milho e soja). O sétimo levantamento de safra da Conab (abril, 2023), há previsão de colheita recorde de milho na segunda safra, com estimativa de mais de 95,3 milhões de toneladas (+11%), que somadas à safra verão e à terceira safra, resultariam em um volume total da safra 2022/23 da ordem de quase 124,9 milhões de toneladas (+10,4%). Para a safra de soja, o Brasil deverá colher 153.633 mil toneladas, 22,4% superior a safra 21/22, com produtividade média de 3.527 kg/ha, registrando recordes históricos de área de plantio, produtividade e produção, com destaque para o Matopiba e Mato Grosso, que compensaram com sobras, as perdas registradas no Sul. Com essa maior oferta, há um reflexo na queda no preço do milho e valorização do suíno vivo, trazendo um cenário mais favorável ao produtor.

Apesar disso, em 2022, no mercado nacional, as rentabilidades dos sistemas de produção de suínos foram afetadas negativamente, pois mesmo com a reação dos preços do suíno e queda paulatina do milho e da soja, a relação de troca ainda não permitiu margens financeiras significativas aos suinocultores (Figura 4). De acordo com o CEPEA (2023), a baixa disponibilidade de suínos em peso ideal para abate no 1T2023 impulsionou significativamente os valores do animal vivo em janeiro e fevereiro. Esse cenário, somado às desvalorizações do milho e do farelo de soja, o que favoreceu o poder de compra de produtores frente a esses importantes insumos consumidos na atividade.

Segundo a avaliação da Conab (abril 2023), entre janeiro e março de 2023 a nível nacional, o preço da soja teve queda de -9,31% (de 163,14 para 147,95 R\$/saca de 60kg) e do milho recuo de -1,84% (de 80,21 para 78,76 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem, enquanto o preço da carne suína aumentou apenas 2,42% (7,84 para 8,03 R\$/kg de suíno vivo), considerando valores nominais pagos ao produtor. A região Nordeste seguiu a mesma tendência de oscilação nos preços, o preço da soja teve queda de -10,23% (de 164,32 para 147,51 R\$/saca de 60kg) e do milho, aumento de +0,48% (de 81,87 para 82,27 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem, enquanto o preço da carne suína recuou -6,06% (9,56 para 8,98 R\$/kg de suíno vivo), considerando valores nominais pagos ao produtor (Figura 4).

Figura 4 – Desempenho do Brasil e do Nordeste na relação entre preços da carne suína, em comparação aos preços do milho e da soja. Série mensal de janeiro de 2022 a março de 2023 (preços nominais pagos ao produtor em R\$/Kg)



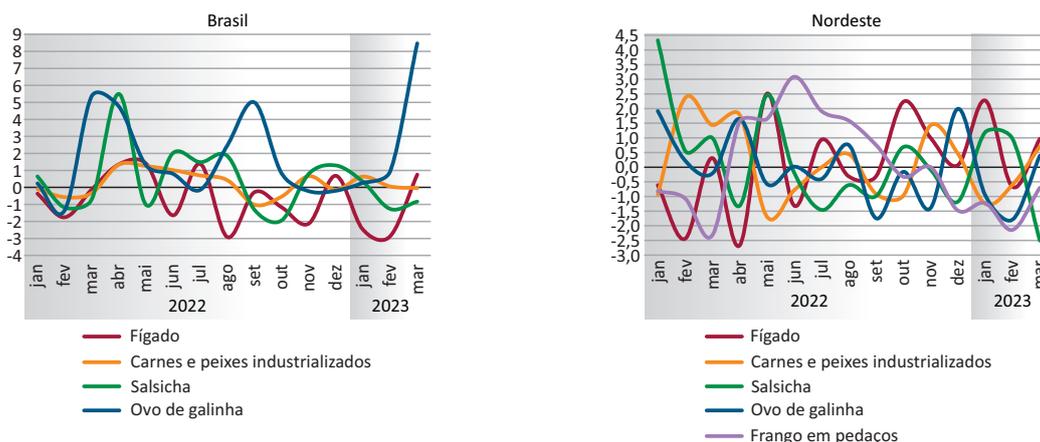
Fonte: Adaptado de Conab (2023).

Quando comparado com o ano anterior, observou-se forte demanda por esses produtos, com notável aumento no consumo. O fato ocorreu devido às consequências da crise econômica, que de acordo com a série histórica da PNADContínua do IBGE (2023), onde as maiores taxas de desocupação foram registradas entre julho a setembro de 2020, em torno de 14,9% da população. O Brasil vem trabalhando para diminuir o número de desempregados, o que impacta no consumo padrão. No último trimestre

de 2021, houve redução na taxa de desocupação para 11,1%. Em dezembro de 2022, o Brasil tinha 7,9% de desemprego. Pela análise do LCA (fevereiro, 2023)⁶, para 2023, a expansão da ocupação deverá ser mais comedida, em razão da desaceleração da atividade econômica e esgotamento do processo de “reposição” de vagas fechadas nos meses iniciais da pandemia. Além da própria dinâmica do mercado de trabalho deverão acelerar o retorno à força de trabalho das pessoas em idade ativa (ou seja, com idade acima de 14 anos). Por fim, deveremos observar a recuperação mais forte do rendimento médio real, tanto pelo reajuste real do salário-mínimo como pela própria evolução salarial da população ocupada, que vem mostrando tendência de elevação da participação dos trabalhadores com rendimentos superiores a 2 salários-mínimos. Apesar disso, o poder de compra da população ainda está limitado, o que ainda favorece a busca do consumidor por fontes proteicas alternativas. Por outro lado, o custo de produção também tende a se manter elevado, pressionando as margens da atividade. No Nordeste, no 2T2022, a taxa de desocupados foi de 12,7%, com recuo de -30,97% em relação ao 2T2021 (18,4%). Estimada em 3.208 mil pessoas, variou em -1.285 mil pessoas em relação ao mesmo período do ano anterior. Também, houve queda em relação ao trimestre anterior, -529 mil pessoas.

Não obstante, a queda do poder de consumo da população de menor renda (1 a 5 salários) priorizou as proteínas mais baratas, tanto que as carnes de suínos e de frango mantiveram comportamento estável no mercado interno, como opções à carne bovina. Da mesma forma, vísceras, processados cárneos e ovo de galinha também se tornaram alternativas às carnes, inflacionando o preço pelo aquecimento da demanda sobre estes produtos (Figura 5).

Figura 5 – Variação média mensal (%) nos preços de proteínas alternativas (acima) e cortes de carnes no Nordeste (abaixo)



Fonte: SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (IBGE, 2023). Elaborado pelos autores.
 Notas: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários-mínimos, mais sensíveis à inflação. Amostra: Recife, Fortaleza e Salvador.

3 SWOT Nordeste

<p>Pontos fortes e oportunidades</p>	<ul style="list-style-type: none">• Condições favoráveis de clima, com temperatura constante ao longo do ano;• Melhores condições de acesso a financiamento com encargos subsidiados;• Região do MATOPIBA, produtora de grãos (Bahia, Maranhão e Piauí);• Amplo mercado doméstico;• Demanda externa aquecida;• Câmbio favorável às exportações;• Presença de empresas âncoras;• Mercado institucional e formal para produtos <i>in natura</i>;• Mercado orgânico de produtos por meio do sistema de criação ao ar livre;• Inovações financiáveis para microgeração de energia (fotovoltaica), reuso de rejeitos para produção de energia (biogás);• Eixo Norte em operação como equipamento logístico de exportações para os produtos cárneos nordestinos, reduzindo custos (Porto de Itaqui, Maranhão);• Evolução no pensamento sobre a carne suína como segura à saúde humana;• Mudança tecnológica favorável nos pequenos e médios produtores;• Atividade com elevado padrão tecnológico;
<p>Pontos fracos e ameaças</p>	<ul style="list-style-type: none">• Elevado custo de energia, inclusive, para a indústria de transformação, com o agravante do baixo nível dos reservatórios no Centro-Sul;• Alto custo do frete rodoviário;• Baixa infraestrutura de armazenamento de grãos;• Impossibilidade de repasse ao consumidor;• Possibilidade de ocorrência do fenômeno El Niño, que representa período chuvoso abaixo da média;• Tensões geopolíticas podem prejudicar as exportações;• Carência de marketing para promoção dos benefícios à saúde pelo consumo da carne suína e de estratégias de fomento ao aumento do consumo.

4 Sumário Executivo Setorial

Ambiente político-regulatório	<ul style="list-style-type: none"> • O setor é regulamentado e está vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do MAPA, os quais são responsáveis pela inspeção dos produtos de origem animal para consumo humano e pela fiscalização de produtos para alimentação animal; controlados através dos selos de inspeção tanto nas esferas federal, estadual, quanto municipal. Em 2019, foi criado pelo MAPA, um Observatório da Agropecuária Brasileira, no intuito de acompanhar e gerir de forma integrada os dados produzidos por diferentes unidades da Agricultura, cadeias produtivas e setores da agropecuária. Estados nordestinos do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte tiveram o reconhecimento de equivalência dos seus serviços de inspeção de produtos de origem animal junto ao SISBI-POA (Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal). Dessa forma, os produtos de origem animal poderão ser comercializados em todo o país. As agroindústrias passarão a adquirir mais matéria-prima, beneficiando direta e indiretamente os produtores e empreendedores locais; • O ambiente político está imbuído em desburocratizar e simplificar processos e procedimentos de habilitação de estabelecimentos voltados para a exportação, além de trabalhar a sustentabilidade na produção, com foco em produtividade/área e segurança alimentar; o país está fortemente engajado na busca de cooperação horizontal entre países, blocos e organizações de referência para abertura de mercados e aumento nas exportações; • Em relação as exportações, de acordo com o COPOM, para a regulação do câmbio, a expectativa é de que a taxa de câmbio se mantenha na faixa de R\$/US\$ 5,30 ao longo do primeiro semestre deste ano (ante a projeção na faixa de R\$ 5,20 a R\$ 5,25 na pesquisa de novembro).
Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas	<ul style="list-style-type: none"> • A intensidade dos eventos climáticos atuais tem causado impactos que se refletem em diferentes setores, incluindo a agropecuária. No Brasil, os efeitos do La Niña estenderam-se ao longo de 2022, causando secas significativas no Centro-sul, e chuvas abundantes e excessivas no MATOPIBA, Norte, Sudeste e Centro-oeste do País, causando perdas de produção nas culturas de milho e soja. Entre março e abril 2023, estudos indicam o fim do fenômeno La Niña depois de quase três anos e que as condições de neutralidade devem permanecer até o início do inverno, com probabilidades superiores a 70%. Além disso, os modelos indicam uma possível transição para condições de El Niño a partir do trimestre junho, julho e agosto de 2023, com probabilidades maiores que 60%. As previsões climáticas para os próximos três meses, continuam indicando chuvas dentro ou acima da média climatológica, incluindo áreas do MATOPIBA e SEALBA, principalmente em abril e maio, o que poderá auxiliar a manutenção da umidade no solo e beneficiar as culturas de segunda safra na região, porém o excesso de água poderá afetar as operações de colheita dos cultivos de primeira safra. No Nordeste, os maiores volumes de chuva foram registrados na faixa norte da região, no Maranhão, norte do Piauí e Ceará, com acumulados variando entre 120 mm e 400 mm, mantendo bons níveis de água no solo e favorecendo o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra. Nas demais áreas do MATOPIBA, os volumes foram próximos a 120 mm, suficientes para atender a demanda hídrica das culturas. Porém, nas áreas do centro-sul da Bahia, nordeste de Minas Gerais, além do norte do Espírito Santo, os volumes de chuva foram inferiores a 40 mm, impactando negativamente o armazenamento de água no solo e causando restrição hídrica às lavouras; • Apesar das adversidades climáticas previstas para 2023, as perspectivas para essa safra ainda são boas para o Brasil. Do lado da produção, mesmo com a revisão para baixo da Conab para as estimativas do milho e da soja, 2022-2023 ainda será superior à safra anterior, com novo recorde de produção previsto para a soja (+22,4%), carro-chefe do agronegócio brasileiro e aumento de +10,4% para o milho. O que pode favorecer a redução nos custos de produção da suinocultura; • O mercado demanda que a cadeia de produtos seja mais sustentável, gerando adequação em todos os atores da cadeia, produtores, indústria e varejo. As estiagens que se observam em todo o País têm elevado o custo de energia. Demandam, portanto, investimentos, com recursos subsidiados, na geração de energia elétrica (fotovoltaica) como insumo para o setor produtivo. Entretanto, ainda é bastante elevado o custo de instalação da energia fotovoltaica. Por outro lado, em muitas granjas, a utilização de fontes renováveis de energia, principalmente solar e energia de biomassa, como biodigestores, já é uma realidade de demanda, como investimento a médio e longo prazo com impacto na redução de custos, tendo forte aplicação na manutenção de instalações, nas plataformas operacionais e de abate ou mesmo frotas de veículos de transporte.

<p>Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específica para setor, existência de associações etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A atividade é tradicional no mercado nacional e está amparada por boa liquidez. Em 2022, o VBP da Pecuária representou 29,5% do VBP Total (Pecuária + Lavoura), dentre este percentual a Suinocultura ocupou a quarta posição no ranking das atividades pecuárias do país, antecedida pelo setor de lácteos, um equivalente de 2,5% do VBP – Valor Bruto da Produção em Pecuária/ Suínos; • Todavia, na maioria dos municípios da região semiárida e áreas de atuação do banco, há pequena organização da cadeia de produtores, marcada por poucos produtores de médio porte e maioria de pequeno e mini produtores, mas que ainda trabalham de forma individualizada, sem sistemas integralizados e com pouca representação por meio de associações. Praticamente toda produção de carne suína no Nordeste é absorvida no mercado interno varejista, com pequena expressão no volume nacional e de exportações; • Muitas instituições públicas de pesquisa amparam o setor (Unidades da Embrapa, Universidades Federais, Estaduais, Escolas Técnicas etc.), de assistência técnica (Unidades estaduais da Emater e outras) e de formação e de qualificação profissional; • No Nordeste há avanços em infraestrutura logística que favorecem as exportações, como: o Eixo Norte em operação, reduzindo custos os Porto de Itaqui, Maranhão; Suape em Pernambuco; regiões produtoras de grãos no Nordeste - MATOPIBA (Bahia, Maranhão e Piauí) e SEALBA (Sergipe, Alagoas e Norte da Bahia), fundamentais no abastecimento de grãos para a região a preços competitivos, com papel muito importante na redução dos custos de produção da atividade; o amplo mercado doméstico (institucional e formal), com elevada demanda insatisfeita; a demanda externa aquecida; câmbio favorável às exportações.
<p>Resultados das empresas que atuam no setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • De acordo com dados da EMIS (2023), grande parte das maiores empresas do setor de criação e abate de suínos no Brasil teve desempenho positivo em relação a 2021, tendo apresentado crescimento do EBITDA, do lucro e redução no endividamento. A maioria das empresas estão centralizadas, no Sul, Centro Oeste e Sudeste (MG; SP). Entretanto, a atividade vem avançando também pelo Nordeste, mas ainda precisa de investimentos de infraestrutura. Destaque para empresas de criação de suínos como Xerez avícola (CE), Paudalho Agropecuária (PE), alguns frigoríficos como Frigotil Timon (MA), o de Barreiras e Alagoinha (BA), que já tem a suinocultura como atividade secundária, sendo todas na região de atuação do BNB, com forte participação no mercado regional.
<p>Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Segundo IPEA há projeção de crescimento do PIB Agropecuário com variação de 10,9% para 2023, sendo que 2,4% atribuídos só a pecuária. O Brasil é o 4º produtor mundial de suínos e tem boas perspectivas de aumento nas exportações para este ano; • No mercado interno, a possibilidade de redução nos custos de produção pela maior oferta de milho e soja e a estratégia de reduzir o abate de animais como forma de ajustar a oferta/demanda tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno. Com isso, os preços da carne suína ao consumidor seguem avançando em todas as regiões, justificada pelo aquecimento da demanda; • A carne suína é uma opção competitiva para o mercado de carnes. Ainda assim, o Nordeste não tem tradição na produção, nem elevado consumo de carne suína. Mas a atividade está ganhando espaço a cada dia. Fato é que a demanda de consumo vem aumentando gradativamente, graças a competitividade do mercado de carnes. Com isso espera-se que a médio e longo prazo, as perspectivas possam ser cada vez mais promissoras, alavancadas pelos avanços da produção de grãos do MATOPIBA, na facilidade de escoamento pelos portos de Itaqui (MA) para exportações de cárneos, além da demanda de consumo em crescimento. As exportações estão crescendo ano a ano.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>